

Nunca tive jeito para títulos. O desta Lição foi-me inspirado por um dos mais luminosos textos de Óscar Lopes (1990): “Um passeio de linguística por dentro de um poema de Eugénio de Andrade”. O da minha dissertação de Mestrado foi o próprio Professor Óscar Lopes quem mo sugeriu. E, há pouco tempo encontrei, no meio de papéis velhos que teimo em não deitar fora, uma página manuscrita pela Professora Fernanda Irene Fonseca, com uma lista de propostas de títulos alternativos para a tese de doutoramento. Muitos títulos dos textos que escrevi começam por “ainda”¹ ou incluem a palavra “revisitação”, por serem viagens a temas anteriores, uns muito antigos, cuja descrição continua a desafiar-me.

Hoje, regressarei a algumas dessas questões, como quem faz um balanço, mas também procurando mostrar um fio condutor no percurso que com esta Lição termina e uma coerência que talvez não sejam visíveis a olho nu. Por outro lado, embora o futuro seja agora ainda mais imprevisível do que sempre é, busco, nestes temas recorrentes, encontrar possíveis caminhos que valha a pena ainda trilhar. Por mim, mas, de preferência, por outros mais jovens e para quem o dito futuro seja um território aberto cujo limite se não vislumbre.

Em 2017, no XXXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa Linguística, que teve lugar na Universidade de Évora, intitulei a conferência plenária para que simpaticamente me convidaram “Vantagens de uma gramática de usos para o Português Europeu - Alguns exemplos de

¹ Duarte, I. M. (1997). **(Ainda)** em torno do discurso indirecto livre; Duarte, I. M. (2021). **Ainda** os marcadores apresentativos em Português Europeu: *imagina, repara e olha*; Silva, M. F. H. & Duarte, I. M. (2021). **Revisitação** do discurso relatado no ensino-aprendizagem do PLE: proposta de uma abordagem de base comunicativa; Duarte, I. M. (2022a). **(Encore)** Le futuro perfeito en portugais européen sur Internet: modalité, évidentialité, temporalité, aspectualité; Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2023). **(Ainda)** Sobre os Marcadores Discursivos: perspetivas contrastivas com o português.

análise de expressões extraídas de usos orais informais”. Nessa altura bem adiantada da minha carreira profissional, tinha já várias vezes chamado a atenção (por exemplo, Duarte 2018a) para a falta que nos fazia, em Portugal, uma Gramática de Usos, equivalente à que a querida Maria Helena de Moura Neves, um exemplo de sabedoria, afabilidade e energia até ao fim, tinha proposto para o Português do Brasil (PB) (Neves 2011).

Os usos, nomeadamente os orais e mais informais, continuam a não ocupar, na Linguística, em Portugal, o espaço que merecem. Ora, de uma recente chamada para um *workshop* de um colóquio (a 16.^a *International Conference of the Association for Linguistic Typology*, que terá lugar na Université Lumière Lyon 2, em França, de 1 a 3 de julho de 2026), retirei uma passagem com que me identifico totalmente e que de certa forma ajudou a decidir o tema desta Lição:

As Linell (2005) argued, modern linguistics is deeply affected by a written language bias, a systematic tendency to generalize properties of written language as if they were neutral or universal features of language per se. This bias impacts grammatical theory, obscuring or downplaying features of spoken language - such as fragmentation, hesitations, repetitions, online syntax, and interactional structures - which are less likely to be captured in grammatical descriptions. Similarly, foundational work by Chafe and Mithun (Chafe & Tannen 1987; Mithun 1988) has highlighted key structural and functional differences between spoken and written discourse, noting that grammar itself may develop differently under the pressures of face-to-face communication versus planned, written production, and that specific grammatical structures such as conjunctions are often borrowed once a language with no literary tradition comes into contact with one with literary tradition².

Duas precisões se impõem. O referido congresso é sobre tipologia linguística e um problema a considerar seria o de saber em que medida as línguas maioritárias e as respetivas descrições não estarão a impor padrões de descrição a línguas minoritárias, sem tradição literária, ágrafas, por exemplo. A segunda precisão diz respeito à distinção entre modo escrito e oral. Obviamente que escrita não significa sempre formalidade e oralidade não é sinónimo de informalidade. Mas é inegável que as descrições linguísticas que se têm produzido (e, em Portugal, esta tendência é particularmente forte) se baseiam na língua escrita, ou na intuição do linguista e há muito menos investigação sobre usos reais, atestados, orais

² A chamada era assinada por Caterina Mauri e Andrea Sansò <https://linguistlist.org/issues/36/1092/>, mas o *workshop* não aparece na lista final da conferência.

da língua. Basta confrontar a nossa produção científica neste campo com a da vizinha Espanha, onde há vários dicionários de partículas discursivas (Santos Ríó (2003), Briz, Pons e Portolés (2008), Fuentes Rodríguez (2009), Holgado Lage (2017)) e os *corpora* orais abundam, para se começar a ter alguma noção da escassez de que falo. Sem contar que, em Espanha, os *corpora* pluricêntricos e os estudos contrastivos entre diferentes variedades são inúmeros e, do lado de cá, temos apenas confrontos entre Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE), de que os exemplos mais recentes, aliás ambos excelentes, são *Português brasileiro e português europeu. Sintaxe comparada* e *Português brasileiro e português europeu: um diálogo de séculos*. Mas, mais uma vez, estes confrontos incidem, sobretudo, na linguística do sistema e não na dos usos / ou do funcionamento do sistema. Retomo, propositadamente, a distinção apresentada, entre outras datas, em 1994, por Joaquim Fonseca, como uma mais do que justa homenagem ao professor de linguística que mais vezes me ensinou. Voltemos às diferenças de *corpora* e estudos entre Portugal e Espanha. Não apenas por sermos vizinhos, mas por termos partilhado momentos centrais da História da humanidade e por termos deixado a língua, como Camões deixou a vida: “pelo mundo em pedaços repartida” (Canção VII). Dessa língua que deixámos e já não é hoje só nossa, mas se vai tornando diferente e vária, percorrendo os seus próprios caminhos e favorecendo confrontos entre as suas variedades, disse Paulina Chiziane, em entrevista ao *Público* (27/05/2022):

Quanto à língua, o que posso dizer? É a língua do colonizador, ou foi! A língua foi imposta e na altura da retirada esqueceram-se de a tirar do lugar onde foi implantada e ela continuou, cresceu, e está a seguir o seu rumo para algum lugar que será certamente uma língua portuguesa de Moçambique.

Ainda voltaremos aqui. Bem sei que a independência dos países da América latina hispano-falante se deu no séc. XIX e eles têm, como o Brasil, mais de dois séculos de vida independente. Já nós, que ficámos na vil tristeza do orgulhosamente sós, apenas com a chegada do 25 de Abril de 1974 abrimos a porta para podermos passar a fazer parte de uma larga comunidade de países que falam português ou onde se fala português: a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa foi fundada em 1996. Não era, portanto, possível, termos, entre nós, o mesmo nível de colaboração no que diz respeito a *corpora* comparáveis ou estudos contrastivos comuns que existe no mundo do espanhol. Mas convém que, através do Instituto Internacional de Língua Portuguesa e das instituições de ensino superior

dos diferentes países, avancemos num trabalho conjunto, não apenas para mais completamente definir os traços distintivos de cada variedade, alguns já esboçados, mas também para podermos colaborar no estudo das diferentes línguas nativas que se mantêm felizmente ativas e vivas na maior parte dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e em Timor-Leste.

Voltemos ao confronto com Espanha, Itália ou qualquer outro país dos que nos estão próximos em língua e geografia. Cá não existem dicionários de partículas, porque a Linguística portuguesa, com muito poucas e honrosas exceções, se ocupa quase exclusivamente da descrição do sistema, na sua modalidade escrita e muito pouco dos usos orais reais e quotidianos desse sistema. Privilegia a descrição de frases gramaticais da autoria do investigador, aparentemente aceitáveis, algumas das quais, provavelmente, nunca serão ditas por ninguém.

Uma categoria como os marcadores discursivos (MD), aqui tomada enquanto hiperónimo de outros grupos heterogéneos, sobretudo os chamados marcadores conversacionais, apesar de constituir um dos grupos de palavras mais usado pelas línguas, é composta por “elementos, frequentemente considerados periféricos e inúteis, alheios à estrutura das línguas” (Duarte & Ponce de León, 2023: 9) e parece não merecer atenção entre nós, talvez devido ao ser carácter plurifuncional, ou por o valor dos MD ser muito dependente do contexto enunciativo, e serem unidades frequentemente escalares, em vez de se definirem por pares de oposições.

Ora Óscar Lopes, orientador da minha dissertação de mestrado e responsável pelo título que gerou uma intervenção bem-humorada ao Professor Carlos Reis que a veio ao Porto arguir (já lá vamos, em aparte), era extremamente atento aos usos, não só aos da nossa fala corrente, mas também aos que dessa fala entraram na literatura, pela pena de autores da sua (e minha) predileção, como Garrett, Eça, Camilo, Aquilino Ribeiro ou Cardoso Pires, para lembrar apenas alguns, talvez os mais significativos. Vamos então ao aparte: tendo o Professor Carlos Reis chegado atrasado à prova de Mestrado, devido a um problema com o comboio, fez um elegante trocadilho sobre a relação entre os motivos do seu atraso e uma espécie de bruxedo ou mau-olhado que teria vindo do título do meu trabalho: *Alguns operadores de **agulhagem comunicativa***.

Um dos pontos centrais da minha investigação têm sido os MD, Partículas Modais, Marcadores Conversacionais, ou outros elementos com designações próximas. Não vou discorrer aqui sobre as diferenças entre estes conceitos embora sejam, quase sempre, muito significativas (já o fizeram, entre muitos outros, Ana Cristina Macário Lopes, definindo MD por oposição a “conjunções ou locuções conjuncionais” (2020: 127),

Zorraquino e Portolés (1999), no célebre capítulo da gramática espanhola sobre o tema, Catalina Fuentes Rodríguez (2003), que distinguiu operadores de marcadores), para falar só de investigadores próximos, na geografia, mas não só, já que todos vieram às quatro jornadas e ao colóquio internacional sobre MD que organizámos³ no Centro de Linguística da Universidade do Porto). Muitos outros autores se dedicaram a estas distinções finas, por exemplo, Cuenca (2013), Fedriani & Molinelli (2024).

Vale a pena adiantar que distingo os conectores, de que já trabalhei alguns, das Partículas Modais como “cá” e “lá”, a que já volto, dos Marcadores Conversacionais, especificamente usados em interações orais de pendor informal, como o tal “tipo, imagina” de que fala, com tanta graça, Ricardo Araújo Pereira, numa conhecida crónica do *Expresso* (2023-09-15), elementos afinal considerados centrais e designados por alguns linguistas como MD cognitivos, porque são sinais do pensamento que se organiza ao mesmo tempo que o discurso oral é produzido.

As PM “cá” e “lá” têm sido uma obsessão. Começaram por ser o tema do trabalho de Mestrado que fiz para Óscar Lopes, na disciplina (ainda não era Unidade Curricular) de História da Língua. O viés por que tratei do assunto era predominantemente pragmático e encontrei em “cá” e “lá” valores de modalização discursiva, de aproximação ou distanciamento entre o locutor e o seu enunciado ou entre o locutor e aquele de quem fala, a não pessoa de Benveniste (1966), topicalização, previsibilidade, atenuação e intensificação, até negação, questões que me perseguiram sempre. Até ao fim.

Fiz dessas partículas, sobretudo de “lá”, centro de mais de meia dúzia de trabalhos posteriores (Duarte 1989, 2010, Duarte & Marques 2015, 2018, Marques & Duarte 2017, 2019), um deles ainda em avaliação: o confronto de “lá” não adverbial nas traduções do romance *Os Maias* para italiano, francês e espanhol (e há várias traduções espanholas)⁴. E quando penso que vai haver uma pausa no interesse por este assunto, ela não se verifica, porque Lukas Müller publicou um interessante texto sobre o lá português em 2024, Marco Favaro (2024) acaba de propor um confronto entre este “meu” lá e o italiano “un pò” e Pierre Lejeune e Amália Mendes (2025), num capítulo recente, analisam equivalentes funcionais franceses de alguns usos modais e metadiscursivos de “lá”, por exemplo, na tradução para francês de *Balada da Praia dos Cães* de Cardoso Pires.

³ Rogelio Ponce de León e eu própria.

⁴ Comunicação Plenária ao congresso DISROM 8, Discourse Markers in Romance Languages, Universidade de Lisboa, julho de 2024, neste momento entregue para avaliação na *Studia Linguistica Romanica*.

Essa saliência dos MD, designação que aqui uso, repito, como hiperônimo, apareceu-me como evidência, como expliquei no texto de 2018 publicado na revista da Associação Portuguesa de Linguística, na lecionação de uma Unidade Curricular do Mestrado de Português Língua Estrangeira / Língua Segunda, “Gramática da Comunicação oral e escrita”, em que os estudantes gravam, transcrevem e analisam uma conversa informal. Desde o ano letivo de 2011-2012 até hoje, ouvi, li, analisei comentei e avaliei, para esta Unidade Curricular, 263 conversas e suas transcrições, primeiro apresentadas na aula e depois avaliadas em formato escrito. Algumas características do oral informal e da interação entre locutores próximos são tão evidentes que fui selecionando, desses documentos, fenómenos para estudar: por exemplo o valor pragmático e discursivo de “quantificadores nominais vagos” como “um bocado” e “um bocadinho”, que atenuam atos expressivos de crítica (como em ““É um bocadinho provinciano falar em centros de decisão nacional”, diz presidente do BPI sobre eventual compra do Novo Banco”, *Observador*, 08 mar. 2025) (Duarte & Carvalho 2017), expressões apresentativas como “É assim” ou “imagina” (Duarte 2018d)), MD de tomada de vez como “olha e repare” (Duarte 2021) ou outros mais específicos, típicos de certos idioletos, como o “vamos lá ver” de António Costa ou o “portanto” de Jerónimo de Sousa (Duarte 2023), semelhanças e diferenças entre PB e PE a nível pragmático (Duarte 2022b), etc. Daqui também cresceu a minha convicção da necessidade de confronto entre variedades do português, mesmo as aparentemente já muito bem delimitadas (Neves, 2023). Porque, se estão consagradas as diferenças fonéticas e morfossintáticas, bem como as de léxico, já não são tão estudadas as diferenças pragmáticas (com exceção para as Formas de Tratamento), como tenho tentado mostrar, a propósito, por exemplo de “entretanto”, contrastivo no PB, mas sobretudo temporal em PE, “se calhar”, “de repente”, como valor de atenuação de certos atos de fala sobretudo assertivos, “pois não” que, no Brasil, não reforça uma asserção de polaridade negativa da autoria de um locutor a quem respondo, concordando com ele, mas significa “sim, claro”, “um bocado + adjetivo” em PE que se assemelha ao “meio” do PB. Aliás, ao preparar esta lição, deparei-me, com surpresa, com algumas trocas de opinião, digamos, menos elegantes, na Internet, a propósito desta última diferença entre PE e PB. Quer isto dizer que pequenas diferenças, aparentemente inócuas, de distintas variedades de uma língua são capazes de acender paixões imprevisíveis e nem sempre racionais.

As conversas informais estudadas, por estudantes ou por mim, ao longo dos anos, foram também semente para estudos de tipo contrastivo - entre

MD (mas não só) -, entre português e outras línguas românicas. Esta linha da minha investigação é devedora de dois colegas aos quais estou muito grata. A Maria Helena Carreira, devo, entre muitas outras lições, sobretudo de modo particularmente generoso de estar na vida universitária e na vida, sem adjetivos, a participação nos colóquios bianuais da Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis, que eram, justamente, colóquios de linguística românica, de estudo do contraste entre diferentes línguas, incluindo as minoritárias, como o occitano ou o sardo, por exemplo.

A Rogelio Ponce de León devo o companheirismo que nasce do estudo feito em comum. Ao longo dos últimos anos, temos levado a cabo alguma análise contrastiva português / espanhol na área genérica dos MD (Duarte & Ponce de León 2015, 2017, 2018, 2020a, 2020b, 2023 e Ponce de León & Duarte 2013, 2019, 2020, 2021, 2023), sobre: pois e pues, ora, já, ainda, e seus correspondentes espanhóis, assim mesmo (mesmo assim) / asimismo, todavía / todavia, aliás, ahora bien / ahora, (que), eso sí. Citando um trabalho nosso recente, procurámos mostrar

[...]; el interés de llevar a cabo estudios contrastivos sobre marcadores discursivos entre lenguas genéticamente próximas, como es el caso del español y del portugués, dado que, aun cuando parece haber una correspondencia directa entre algunos de ellos, no pocas veces sus valores, en el contraste, son diferentes, experimentando por lo general trayectorias etimológicas comunes con momentos de aproximación y de alejamiento. Las divergencias derivadas de dicho alejamiento pueden llegar a dificultar ya la enseñanza de ambas lenguas, ya las traducciones que se realizan de una lengua a otra. (Ponce de León & Duarte 2023: 166).

O estudo contrastivo destes MD testemunha a riqueza que vem da investigação diacrónica, dos problemas de origem comum, mas percursos de gramaticalização próprios. O modo como as línguas se alteram, as causas que as fazem modificar, as circunstâncias e contingências dessas mudanças são um dos motivos mais fascinantes da investigação em linguística.

A mudança é pois um tema da minha predileção, que tenho tentado aprofundar quanto à gramaticalização de MD, mas também quanto a Formas de Tratamento, e quanto a usos e valores de tempos verbais, como o famoso futuro perfeito.

A este último tema, um dos meus preferidos e nunca esgotado, cheguei por via do relato de discurso. Ao procurar ocorrências de “ora”, “cá” e “lá”, estudante de mestrado, encontrei esses “operadores de agulhagem comunicativa” em diálogos de romances de Eça de Queirós e Cardoso Pires, mas também em passagens de discurso indireto livre e até em inequívoco discurso do narrador, contaminado pelo das personagens.

Passei à investigação sobre relato do discurso no doutoramento (1999). Nas leituras iniciais realizadas, tropecei no chamado condicional de *oui-dire* ou citacional em francês, italiano e espanhol, o único tempo verbal reportativo que referi na dissertação. Mas mais tarde, em busca de ocorrências desse tempo verbal com valor citacional, foi sobretudo o futuro perfeito que, em PE, encontrei, nas situações em que outras línguas românicas usam o condicional, simples ou composto (como Squartini 2004 e Giomi 2017, entre outros, confirmam). Para o meu ilustre auditório perceber do que estou a falar, transcrevo apenas alguns títulos de notícias recentes da imprensa *online*, e as primeiras linhas do corpo da notícia, por vezes muito curta.

- (1) Jornalista atacado nos EUA por homem que **terá dito** que “esta agora é a América de Trump”

O suspeito **terá perseguido e agredido** um jornalista no Colorado por este ser oriundo das ilhas do Pacífico, segundo a documentação legal entretanto divulgada. (*Observador*, 29 de dezembro de 2024)

- (2) Trump **terá travado** plano de Netanyahu para atacar o Irão

Trump **terá travado** plano de Netanyahu para atacar o Irão. Diário *The New York Times* diz que o Presidente quis tentar primeiro um acordo sobre o nuclear. Negociações continuam no sábado, em Roma.

O Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, **terá travado** um plano israelita para atacar instalações nucleares do Irão potencialmente já em Maio, segundo o diário *The New York Times*. (*Público*, 17 de abril de 2025)

- (3) Jovem **terá matado** pais como parte de um plano que previa assassinar Trump.

Nikita Casap que é acusado de ter matado os seus pais teria também como objetivo assassinar o presidente dos EUA e derrubar o governo.

Um estudante de Wisconsin, Estados Unidos, **terá matado** os seus pais como parte de um plano que tinha como finalidade assassinar o presidente norte-americano, Donald Trump, informou o FBI. (*Sábado*, 14 de abril de 2025)

- (4) Elon Musk **terá oferecido** 15 milhões de dólares para ‘calar’ mãe de filho

O fundador da Tesla teve um filho com Ashley St. Clair que se chama Romulus. Elon Musk **terá oferecido** uma choruda quantia de dinheiro a Ashley St. Clair para esta não falar do filho que têm em comum, mantendo o tema em segredo. (*Notícias ao Minuto*, 17/04/2025)

- (5) Estados Unidos **terão sugerido** dividir a Ucrânia como se dividiu Berlim

O tema **terá sido** discutido pelo enviado especial de Donald Trump a Moscovo. Keith Kellogg falou no plano ao jornal “The Times”, mas depois negou tudo. (RTP, 12 de abril de 2025)

- (6) “Trump está a cair na loucura”: ex-presidente **terá dito** que quer a lealdade dos generais de Hitler e os democratas não perdoam

O candidato democrata à vice-presidência dos EUA, Tim Walz, acusou na terça-feira Donald Trump de estar a cair na “loucura”, na sequência de uma notícia que dava conta que o ex-presidente deseja a lealdade “dos generais que Hitler tinha”.

O vice-presidente de Kamala Harris aproveitou a notícia publicada no **The Atlantic**, ao mesmo tempo que figuras de topo do partido alertavam para os dias negros que se avizinham caso Trump vença a presidência dentro de duas semanas, tendo em conta os seus instintos autocráticos frequentemente manifestados. (cnnportugal 23 de outubro de 2024)

- (7) RTP em Moscovo. Ausência de Putin na Turquia **terá sido acertada** com Trump

A ausência de Vladimir Putin das negociações com a Ucrânia esta quinta-feira, em Instambul, já era esperada na Rússia.

O correspondente da RTP em Moscovo, Evgueni Mouravitch, explica que a decisão do presidente russo terá sido previamente acordada com a Casa Branca, na sequência de intensos contactos estabelecidos nos últimos dias. (RTP, 15 de maio de 2025)

Com este pacote um pouco longo de exemplos recentes, gostaria de testemunhar que o uso do futuro perfeito no discurso de imprensa, convencional, mas sobretudo *online* é frequentíssimo. Analisarei rapidamente o exemplo (5), sintetizando algumas conclusões a que fui chegando ao longo dos anos: o futuro perfeito é um mediativo ou evidencial (termo do inglês que se ajusta, obviamente, menos à nossa língua), já que sugere que os factos relatados têm uma fonte que não é o relator, como é bem visível quando essa fonte é referida e identificada, como em “segundo a documentação legal entretanto divulgada”, “o Diário *The New York Times* diz que”, “segundo o diário *The New York Times*”, “falou no plano ao jornal “The Times””, “O correspondente da RTP em Moscovo” ou “informou o FBI”. Mas o mesmo tempo verbal carrega também, a nosso ver, um valor de modalidade epistémica, de conjectura, que contribui para a não validação, pelo

locutor relator, da verdade do conteúdo proposicional veiculado pelo seu enunciado: “Estados Unidos terão sugerido dividir a Ucrânia como se dividiu Berlim”. O relator jornalista não garante que assim tenha acontecido, daí o futuro perfeito, que não o compromete. A notícia acrescenta “Keith Kellogg falou no plano ao jornal “The Times”, mas depois negou tudo e disse que as palavras foram distorcidas.” Apesar desta sugestão de incerteza, de conjectura, o valor tradicional do futuro perfeito, aquele que aparece nas gramáticas - uma ação futura totalmente acabada quando outra ação futura tiver lugar (Quando ele chegar, já eu terei jantado)⁵ - contamina o que é dito, com o seu valor aspetual de perfeito, isto é, de ação totalmente acabada e há uma forte sugestão de que o que é dito aconteceu e, portanto, é verdade. Isso explica que o tempo verbal alterne, por vezes, com o pretérito perfeito, na mesma notícia: “Keith Kellogg falou no plano ao jornal “The Times””. Não admira que este tempo verbal que, a nosso ver, favorece a desresponsabilização do locutor face à validação do conteúdo proposicional que o seu enunciado carrega, seja particularmente adequado aos tempos de pós-verdade que vivemos (Duarte 2024, entre muitos outros textos).

Espero não ter deixado o destinatário desta Lição demasiado maldisposto depois desta sequência de títulos e excertos de notícias. Ela permite-me, no entanto, fazer uma passagem para uma outra vertente da investigação que tenho levado a cabo: aquela em que me ocupo da análise de discursos completos, no âmbito de uma linguística enunciativa, com as ferramentas que a pragmática oferece. Essa análise tem em conta a especificidade dos diferentes géneros discursivos, a ligação entre textos e contextos, procurando “ler mais, ler melhor”, compreender estratégias argumentativas, porque a argumentação está no discurso por todo o lado e também foi Joaquim Fonseca a ensinar-mo.

Assim, e dentro desta perspetiva teórica, estudei discursos da ditadura, sobretudo através da participação na rede Memità, coordenada pela Università Degli Studi di Palermo: discursos publicitários, científicos, inseridos em revistas, discursos sobre a 1.^a e a 2.^a Guerra Mundial, discursos políticos, discursos sobre a mulher, debates televisivos, discursos populistas, debates parlamentares, os refugiados vistos por certa imprensa, etc. (entre vários outros textos, Duarte 2020a, 2020b, 2018c, Duarte & Marques 2024, 2022, Duarte, Marques, Pinto & Pinho 2019, Duarte, Marques, Pinto, & Salgado 2019, Duarte, Marques, & Ramos 2018, Duarte, Marques, & Pinto 2017, 2016). Na sequência da análise enunciativo-pragmática dos discursos re-

⁵ É o exemplo clássico de Epifânio da Silva Dias (1933: 195).

feridos, chegámos ao projeto Os discursos do Presidente⁶, coordenado e dinamizado por Aldina Marques. Além de outros frutos visíveis do projeto, ele permitiu-nos celebrar os 50 anos de Abril com a publicação conjunta do volume *Vozes que moldam Abril: Os discursos presidenciais na celebração da Revolução* e outro bom resultado foi termos podido disponibilizar o corpus DisPR na Linguateca, com o apoio do Centro de Linguística da Universidade do Porto⁷. Além da Aldina Marques e dos colegas referidos em nota, destaco a Alexandra Guedes Pinto, companheira desta parte da viagem. A análise de discurso político e dos *media* foi uma vertente, aliás, que se mostrou muito atrativa para estudantes de licenciatura em Ciências da Linguagem na Unidade Curricular Projeto⁸.

Refiro uma outra linha de investigação próxima desta, mas mais específica quanto aos géneros discursivos analisados e ao *corpus* usado, e que, embora não tenha dado frutos tão abundantes, merece menção. Com Sónia Rodrigues (parceira também de estudos sobre o ensino do Português como Língua Materna (p.e. Rodrigues & Duarte 2022), e com Alexandra Pinto, procurámos, no seguimento do trabalho meritório da Professora Graça Pinto na área, estudar o discurso académico produzido pelos nossos próprios estudantes, com a intenção de refletirmos sobre as nossas práticas como docentes e os seus efeitos pedagógicos concretos e de tentarmos ser mais eficazes no apoio à escrita dos estudantes (Duarte, Pinto & Rodrigues 2023, 2022, 2020, Duarte & Rodrigues 2016, 2014, Pinto & Duarte 2015).

Quase no final dos temas prediletos, devo referir as Formas de Tratamento (FT), porque também em relação a elas há uma evidente ligação à questão da mudança social e linguística, mas ainda à da relação de texto e contexto e, sobretudo, ao modo como cada género discursivo é caracterizado por especificidades enunciativas e contextuais que nele determinam a presença de certos fenómenos linguístico-discursivos. As FT alteram-se com as mudanças sociais, embora não numa relação especular, e variam conforme diferentes géneros e contextos. Os trabalhos levados a cabo por Aldina Marques e por mim, outra cumplicidade profissional que é do melhor que levo da vida académica, mostram que há hoje mais proximidade entre interlocutores e, logo, mais informalidade no uso das FT. Mas podemos pronunciar-nos sobre estas mudanças, apenas quando

⁶ Agradeço à Aldina Marques o ter-nos incluído neste projeto. “Nos” significa à Alexandra Guedes Pinto, à Isabel Seara, à Rosalice Pinto, ao Rui Ramos e a mim.

⁷ O corpo DisPR é um corpo de discursos de Presidentes da República (portugueses e brasileiros) <https://linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=DISPR>

⁸ E é devedora, também, dos trabalhos da Maria Antónia Coutinho.

ocorrem nos géneros discursivos concretos que investigámos. Em relação a outros, existe um enorme campo de possibilidades de investigação à espera de quem se queira ocupar do tema.

Um dos *corpus* por nós⁹ recentemente estudado (Marques & Duarte 2024a) é composto por seis debates políticos televisivos realizados entre 1975 e 2022, um por década. Os resultados mostram que há mudanças no uso das FT nos debates políticos televisivos, sobretudo das FT nominais, durante estes quase 50 anos, sendo maiores a proximidade e a informalidade no presente e havendo uma maior distância e deferência nos debates do início da democracia.

As diferenças notam-se menos nas FT empregues pelos políticos entre si, mas nitidamente nas FT usadas pelos jornalistas-moderadores quando se dirigem aos políticos presentes no debate. Altera-se um estilo de género: de [+ formal] para [- formal]. Vejamos o que se passa com os moderadores, quando falam com o político:

- (8) Joaquim Letria: *Agora sr. Dr. Álvaro Cunhal*, eu interrompia para juntar à lista que *o sr. Dr. Álvaro Cunhal* acabou de enumerar o facto de o PS ter tido hoje justamente nos Açores a sua primeira sede assaltada... (1975)

Se a FT nominal era formal no início da democracia portuguesa, passados quase 50 anos, a proximidade é notória:

- (9) Clara de Sousa: *Rui Rio*, começando por *si*. Ao longo do seu mandato como líder da oposição *o senhor* foi muito criticado... (2022)

Eis a característica interacional dos debates em que a mudança foi mais radical, tendo-se passado de FTN formais para FTN bastante menos formais.

Já no que toca à relação políticos/opponentes, tendo em conta as Formas de Tratamento Nominais, não há mudanças significativas ao longo destas décadas. Mantém-se uma forma de tratamento formal, como nos exemplos (10)-(11):

- (10) Mário Soares: *E o senhor doutor* já se interrogou porque é que isso aconteceu em Portugal? (1975)

- (11) António Costa: *Doutor Rui Rio*, eu tenho aqui o seu discurso nas jornadas parlamentares do PSD em outubro de 2020. E o que *o senhor doutor* disse em outubro de 2020 foi o seguinte (13/01/2022).

⁹ “Nós” refere-se a Aldina Marques e a mim.

Assim, não mudou muito o tratamento formal que os políticos usam entre eles, talvez por pretenderem manter um *ethos* discursivo de certa formalidade, porque sabem que estão a falar sobretudo para “a gente lá em casa”, ou seja, os portugueses. Mas alterou-se radicalmente a distância formal do jornalista em relação aos políticos, com o uso frequente de FTN mais próximas e informais.

Na Assembleia da República, apesar do peso do Regimento, e no que toca, sobretudo a Formas de Tratamento Pronominal, quase desapareceu o “Vossa Excelência” protocolar e temos hoje, na melhor das hipóteses: Sr. Deputado, o senhor ainda há pouco... em vez de Senhor Deputado, Vossa Excelência engana-se. A nosso ver - e não é plural de modéstia, pois trata-se de um trabalho de Aldina Marques e meu (Marques & Duarte 2024b)¹⁰-, “o senhor” está em vias de pronominalização, como procurámos mostrar (Duarte & Marques 2023a) e não nos espanta que a forma substitua hoje o “Vossa Excelência” protocolar da AR. Veja-se o gráfico 1, abaixo:

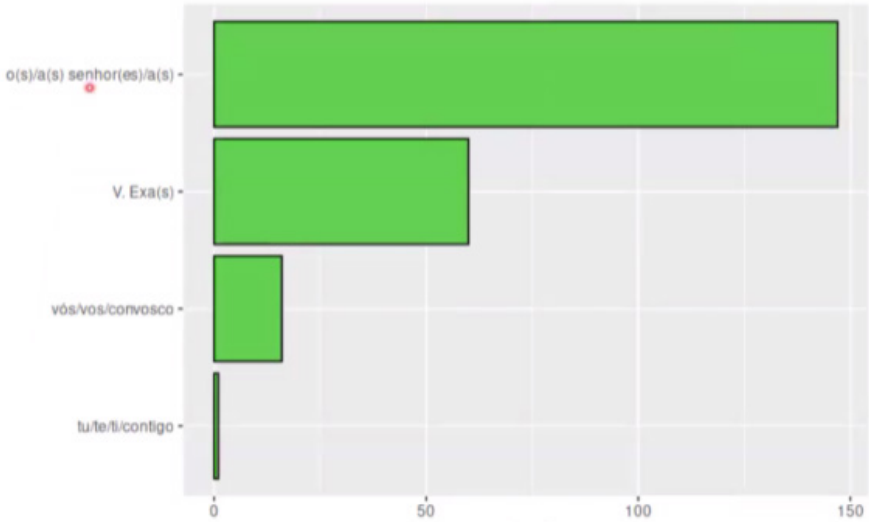


Gráfico 1: Ocorrências totais das FTP consideradas nos debates das *Moções de censura ao Governo*

¹⁰ Comunicação apresentada ao 40.º Congresso da APL de Ponta Delgada, Açores: “Formas de tratamento nos debates parlamentares portugueses – modos e sentidos da mudança”. Em publicação na *Études Romanes de Brno*.

Já será um pouco mais perturbador ver o avanço do “tu” na mesma AR. Numa apresentação oral, no encontro da APL de 2024, estudámos as mudanças de FT no género discussão de moção de censura na AR. Vimos uma moção de censura por década, das 25 da democracia (até à penúltima, que já foi depois do encontro da APL). As FTN são obviamente maioritárias em consequência do contexto institucional, e, nas FTP, há alterações interessantes. O estudo do uso de você / vocês fica para o 8.º Congresso da *International Network of Address Research* que terá lugar em julho¹¹, pelo que não poderei, aqui, falar do que se passa com esses pronomes.

No gráfico 2, algumas mudanças centrais nas FTP são visíveis:

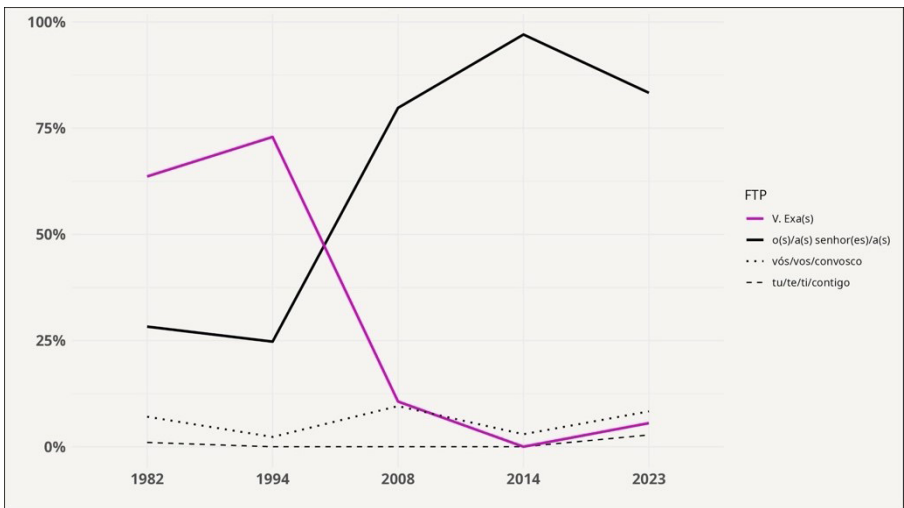


Gráfico 2: Mudança de FTP ao longo dos 50 anos de democracia

O movimento mais nítido é a diminuição clara do uso de Vossa(s) Excelência(s) e o correspondente aumento de o(s)/a(s) senhor(es)/a(s). Quanto à 2.ª pessoa, o plural vós é muito idiossincrático, correspondendo o crescimento episódico de 2008 às intervenções do Deputado Fernando Rosas que usava este pronome de 2.ª pessoa do plural sempre. O “tu” foi residual, mas cresce no último documento analisado.

¹¹ De 16 a 18 de julho de 2025. Ver <https://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/events/inar-8-rethinking-addressivity-and-forms-address>. Texto em processo de avaliação.

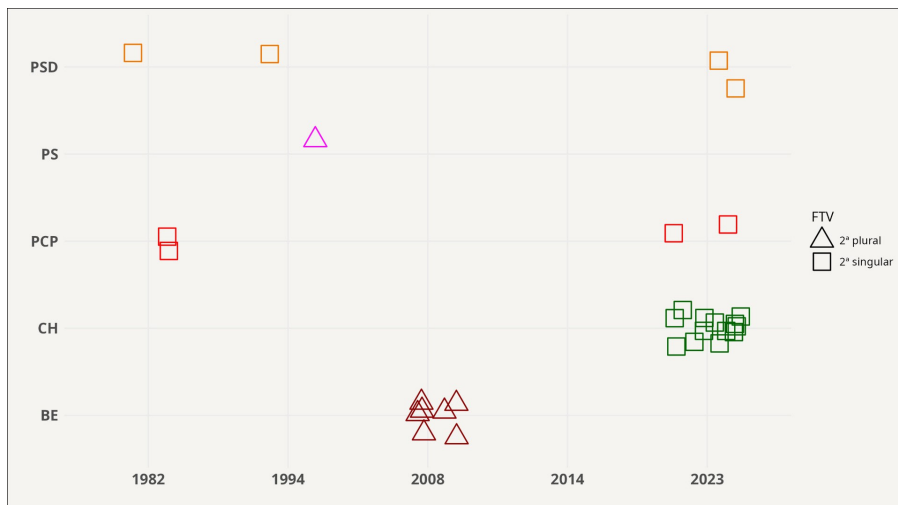


Gráfico 3: Ocorrências totais de Formas marcadas de 2.ª p/sg e pl

A 2.ª pessoa do singular depois de algumas ocorrências em 1982, é recuperada em usos mais recentes, contribuindo, claramente, para atos expressivos de crítica, com frequência ofensivos para a face do interlocutor, como nos exemplos (12)-(14), todos de 2023:

(12) O Sr. Pedro Pinto (CH):- *Está calado*, pá! E a Joacine? *Tem* vergonha na cara!
(DAR 20 de setembro de 2023)

(13) O Sr. André Ventura (CH):- Às vezes, é o que eu penso. Devia liderar os dois
ao mesmo tempo, em conjunto.

O Sr. Miguel Santos (PSD): - Ó Ventura, *tu és* um lambão! (DAR 20 de setembro de 2023)

Uma precisão quanto à evolução das FTN nas moções de censura. Na de janeiro de 2025, já fora do escopo do referido trabalho, moção cuja análise pragmática Camila Meira, uma estudante de Licenciatura em Ciências da Linguagem escolheu, este ano letivo de 2024-2025, para trabalho da Unidade Curricular Projeto, o último que orientei, além de um avanço muito significativo do “tu” e do puro insulto, nota-se uma contaminação negativa nas próprias FTN, com, p.e., deputados de outros partidos a dirigirem-se a André Ventura como “Senhor Deputado André Censura” (o trocadilho é linguisticamente fácil) e o PAR a ter de intervir (Meira 2025, pp. 7-26).

Seria fundamental fazer um levantamento completo das mudanças ocorridas nas FT nestes 50 anos de democracia. Mas estudar essas alterações

necessita do contributo de uma equipa. Necessita do financiamento daqueles projetos a que chamamos “altamente competitivos”. São mudanças que exigem recolha sistemática de dados e documentação e análises demoradas. Darei apenas um exemplo deste tipo de trabalho, que serve também para corrigir o meu julgamento apressado de 2011 quanto ao vós (Duarte, 2011). O pronome não é só usado pelos mais velhos, em zonas rurais ou pela Igreja. Como procurámos também mostrar (Duarte & Marques 2023b), vós não é o “pronome perdido” de que falava Rodrigues Lapa (1984 [1970], p. 154) e, em Portugal, permanece vivo em muitas zonas mas, sobretudo, além da variação diatópica, obedece também a uma variação diafásica, sendo usado em contextos enunciativos de alto grau de formalidade, como podemos ver pelos exemplos seguintes:

- (14) “Vós sois o orgulho de Portugal”: Marcelo diz que reputação dos militares “continua intacta”. *TVI*, 16 nov 2021

O Presidente da República dirigia-se ao contingente de militares que parte agora para uma missão na República Centro-Africana

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, reafirmou esta terça-feira, na despedida do contingente de militares portugueses que partem para uma missão na República Centro-Africana, que a sua reputação “continua intacta” e salientou o “orgulho” dos portugueses para com os militares.

<https://tvi.iol.pt/noticias/politica/marcelo-rebelo-de-sousa/o-orgulho-de-portugal-marcelo-diz-que-reputacao-dos-militares-continua-intacta>

- (15) “Vós sois os melhores dos melhores”, diz Marcelo à Seleção

O Presidente da República recebeu, em Belém, os jogadores da Seleção Nacional de Futebol, endereçando-lhes uma mensagem de boa sorte para o desafio que se aproxima: o Mundial de Futebol 2018.

“Vós sois os melhores dos melhores”, foi desta forma que Marcelo Rebelo de Sousa começou por se dirigir aos jogadores da Seleção Nacional de Futebol, assumindo, porém, que esta é uma “evidência”.

“Há dois anos”, continuou, num discurso direcionado aos jogadores que vão envergar as cores de Portugal no Mundial que se aproxima, “provou-se que éramos os melhores da Europa. E o título é nosso, é vosso, de Portugal e dos portugueses. No meio de vós está o melhor do mundo, mas todos vós sois os melhores do mundo”. (06/06/2018).

<https://www.noticiasao minuto.com/pais/1024853/vos-sois-os-melhores-dos-melhores-diz-marcelo-a-selecao>

Se quiserem um exemplo ainda mais recente, e com outro protagonista, aqui fica um do dia 29 de maio de 2025:



Um outro aspeto central é que, se se usa pouco o vós, no nominativo, ou a forma de tratamento verbal da 2.^a pessoa do plural, é ainda muito frequente a forma de 2.^a pessoa do plural no dativo, ou na forma oblíqua preposicionada convosco, de vós, etc., além dos possessivos vosso / vossa. Mas disso sabe agora muito mais Marcela Faria (2025), que defendeu uma interessantíssima tese do Doutorado em Ciências da Linguagem sobre vós, cuja leitura recomendo.

Passo ao penúltimo tema desta Lição panorâmica. A linguística foi sempre, no meu percurso, uma forma de também pensar o ensino do Português. Primeiro, enquanto língua materna. Fui docente do Ensino Secundário, fiz estágio clássico, fui orientadora antes de regressar à Universidade. A linguística implicada no ensino do Português é uma das ideias do casal Fonseca que adotei com convicção (por exemplo, Fonseca, F.I. 2001). O professor de português não deve saber linguística para ir aplicá-la, de forma simplificada e geralmente simplificadora e, portanto, errada, aos seus alunos. Deve saber linguística porque só de uma correta conceção de língua, das suas características, de como a língua muda e varia, decorre uma atuação pedagógica fecunda e inspirada.

O alargamento que fui fazendo do ensino da língua materna para o ensino do Português como língua estrangeira levou-me longe. Longe

teoricamente, longe de facto. Não fosse a direção do Mestrado em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda e a ligação com estudantes e docentes estrangeiros, o pensar o ensino do português para quem não o tem como língua materna, e nunca teria ido, talvez, ao lado de lá do mundo, ao lugar que “O Sol, logo em nascendo, vê primeiro”. As aulas, sessões, colóquios em Goa, em Macau, na China, no Vietname e, sobretudo em Timor-Leste, alargaram-me, metafórica e literalmente, os horizontes. Também na linguística: sobretudo no âmbito das políticas linguísticas, dos empréstimos linguísticos vindos de adstratos, da influência dos diferentes substratos, mas também na noção da nossa responsabilidade, enquanto ex-colonizadores dalguns desses longínquos (e de outros mais próximos) territórios. Daí o Mestrado de Português no Contexto de Timor-Leste, na Universidade Nacional de Timor Lorosae, um dos projetos mais bonitos em que colaboro¹², as aulas, lições, cursos, colóquios nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Cabo Verde primeiro e sempre, mas também Guiné e São Tomé e Príncipe, dado que Angola e Moçambique ficarão, eventualmente, para depois). Nestes países, a posição por nós defendida será sempre de procurar que o português não esmague as línguas nativas, avançando com elas e não contra elas. Como bem diz Margarita Correia,

Para ser verdadeiramente grande, a língua portuguesa deve crescer sem desertificar tudo à sua volta, criando terreno fértil para habitar com outras línguas, tornar-se cada vez mais mestiça, multicolorida e multifacetada, mais rica, mais fortalecida pelos contributos das línguas e das culturas que com ela se irmanam. (*Diário de Notícias*, 02/05/2022).

Agualusa, num belo texto que tenho citado dezenas de vezes - “Por uma irmandade da Língua Portuguesa” -, simbolicamente publicado no *Expresso* do 10 de Junho de 2019, dia de Portugal, de Camões e das comunidades portuguesas, lembra que “a língua portuguesa não está sozinha” e usa a mesma metáfora de irmandade: “Apoiar a língua portuguesa em Angola, Timor-Leste, Guiné-Bissau ou Moçambique significa reconhecer a dignidade dos restantes idiomas nacionais e criar políticas para que essas línguas ganhem força e recuperem o prestígio.” (*Expresso* | 2019-06-10)

Conhecer melhor outras variedades da Língua Portuguesa e as línguas que com ela convivem é uma ideia para o futuro. Se não para o meu, pelo menos para o do Centro de Linguística da Universidade do Porto, a minha

¹² Agradeço à Universidade do Porto, aqui na pessoa do Senhor Vice-Reitor, o nunca ter transformado a nossa colaboração nesse mestrado num negócio que traria lucros à UP. Orgulho-me de pertencer a uma instituição que assume os seus deveres cívicos.

Unidade ID de sempre, onde fui tantas vezes feliz e para quem também vai a minha gratidão. A colaboração na construção de um *corpus* que permita estudar melhor o português falado, nas suas diferentes variedades, é um projeto no qual gostaria de poder continuar a trabalhar, em verdadeira irmandade. Como gostaria de ver o cabo-verdiano a ocupar o lugar que é o dele por direito em Cabo Verde, ou, em Moçambique, o ensino bilingue a contribuir para que as línguas nacionais ganhem dignidade e espaço, e agradeço ao Vasco Magona Sande o muito que aprendi com ele sobre o assunto. Estas viagens por outros territórios em que se fala português enriqueceram-se com doutoramentos que orientei (o da Josefina Ferrete, também). Além dos vários orientandos de outros países da CPLP, agradeço também ao António Soares que, embora seja português (um português francófono, exemplo melhor do que são os portugueses viajantes), deixou, como eu, um pedaço da sua alma em Timor-Leste e me fez conhecer a fundo os manuais de português para o Ensino Secundário deste país do oriente. (Por uma questão de justiça, entre parêntesis, lembro aqui, de passagem, outros colegas e amigos cujos doutoramentos orientei ou coorientei e com quem também muito aprendi sobre variados assuntos e gentes: a Sammya, a Filomena Mu, a Sara, a Viviana, a Isabel, a Rosa, a Filomena Viegas, a Valéria, o Francisco, o Zé António, o Quintino, a Marcela).

Quando insisto no ensino do português como uma língua pluricêntrica, pretendo, sobretudo, abrir a entrada a variedades do português que não podem ser consideradas periféricas. Estou a pensar, sobretudo, em Angola. Por ser já o segundo país de Língua Portuguesa do mundo. Pela importância que o Português Angolano vai ter no futuro. Porque o crescimento do português em África é impressionante. Volto a citar o mesmo texto de Agualusa: “Creio não existir em África nenhum outro exemplo de um idioma colonial que se tenha enraizado com tanto sucesso.” Basta ver o caso espantoso do Senegal, onde o português tem hoje, no Ensino Secundário, cerca de 47 mil alunos, além dos quase 2 mil estudantes da licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade Cheikh Anta Diop, em Dakar.”¹³

Foi por via do ensino do Português no mundo, a comunidades lusófonas, que colaborei com o Ensino do Português no Estrangeiro (EPE) do Camões Instituto da Cooperação e da Língua, desde há já longos anos, assim contactando com a realidade do Português Língua de Herança, falado por filhos e sobretudo netos dos que primeiro emigraram. Trabalhei,

¹³ Ver depoimento em <https://news.un.org/pt/story/2025/05/1848181>, de 11 de maio de 2025.

por diversas vezes e em diferentes formatos, com os professores do EPE de Espanha, França, Alemanha, Luxemburgo, África do Sul, Estados Unidos e, sobretudo Suíça. A Doutora Lurdes Gonçalves, a quem também devo um agradecimento, facilitou o meu contacto com as especificidades do ensino do Português Língua de Herança. Além destas perspetivas, uma outra se veio juntar às minhas preocupações, nos últimos anos: a de como ensinar Português Língua de Acolhimento em Portugal. Devo fazer três referências quanto ao PLA: à Maria Luís Van Zeller, quase a acabar uma tese que cooriento, à Ana Paiva¹⁴, autora de outro projeto inspirador que arguí, sobre narrativas biográficas de mulheres migrantes (não-ocidentais) no ensino-aprendizagem de Língua de Acolhimento e à Dr.^a Maria Viterbo, do Secretariado Diocesano das Migrações que connosco montou, em escassas semanas, um dos projetos mais generosos em que colaborei enquanto professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: o curso de português como língua estrangeira para os milhares de ucranianos que fugiram para Portugal, no início da invasão. É um momento forte, de mobilização, de urgência, solidariedade e *djunta mon*, de satisfação por ter havido tanta colaboração e rapidez de resposta de estudantes e ex-estudantes. Foi um exemplo de como rapidamente transformar os conhecimentos que temos em ação. Sim, a linguística é útil (basta ver o sucesso da Linguística Forense, que o nosso colega Rui Sousa-Silva representa na Universidade do Porto), faz falta e pode / deve transformar-se em ação. Quando sabemos que o Ministro das Relações Exteriores de Angola não pôde falar em português na recente 3.^a reunião ministerial entre a União Europeia e a União Africana, em Bruxelas¹⁵, percebemos que a linguística faz falta. O bom-senso também.

Esta lição aproxima-se do fim, mas queria deixar uma última nota antes de terminar. A da relação entre Literatura e Linguística, lição que aprendi quer de Óscar Lopes, quer de Fernanda Irene Fonseca (Fonseca, F. I. 2002). Eça, Cardoso Pires, Lobo Antunes, Mía Couto, Ondjaki, Lídia Jorge e Aquilino Ribeiro. Ainda no âmbito da celebração dos 50 anos do 25 de Abril, reli, para um encontro em Genebra¹⁶, o romance de Lídia Jorge *O vento assobiando nas gruas* (um dos últimos romances sobre os quais falei com Óscar Lopes, e bem gostaria de poder ver as inúmeras anotações que estava a fazer nas margens

¹⁴ Ambas mestres em Português Língua Estrangeira / Língua segunda, pela UP, a segunda minha coorientanda.

¹⁵ A reunião teve lugar a 21 de maio de 2025.

¹⁶ A Jornada “A língua que Abril nos deu”, coorganização das Cátedras Lídia Jorge e Carlos de Oliveira, que teve lugar a 5 de dezembro de 2025, na Université de Genève. Agradeço à Doutora Nazaré Torrão o convite.

do exemplar dele, com um lápis pequenino). Reli-o para ver se o uso das FT poderia dar-nos algumas achegas sobre o português na democracia.

Entre muitas outras conclusões que não cabem neste espaço, apenas exemplifico brevemente um traço que ressalta da análise feita: as FT usadas pelos cabo-verdianos. No que diz respeito a algumas variedades africanas, parece haver, para o singular, uma neutralização de formas próprias para o tratamento em 2.^a/3.^a pessoa. É o que temos nestes dois exemplos em que Felícia Mata fala com Milene:

(16) Quer dizer que essa mulher, de quem **você fala**, veio cair ali, em cima dos nossos portais? **Continua** lá, moça, **continua** para ver se a gente **te** entende. (p. 63)

(17) A cabeça de Felícia do lado de fora, junto ao cortinado “- **Você** não **vai** sozinha, que os Mata não permitem. Se **você tem** medo de **teus** tios, **você tem** de ter alguém que diga como as coisas se passaram...” (p. 81)¹⁷

De Aquilino, gostaria de falar a fechar, porque li *Cinco Réis de Gente*, talvez pela quarta vez, para uma conferência recente em Brno¹⁸: “Aquilino Ribeiro, *Cinco réis de gente*: um texto literário feito também com palavras do linguajar diário”. Essa circunstância, que agradeço à Iva Svobodová, fez-me revisitar tudo o que Óscar Lopes escreveu sobre Aquilino e permite-me fazer a citação seguinte:

[...] o que mais surpreende na arte verbal de Aquilino Ribeiro, como na de todos os grandes escritores, é que, lendo-o, descobrimos paralelamente o seu próprio génio e o génio da língua, isto é, por hipóstase, o génio anónimo de tudo o que o nosso povo está a criar ao longo de centúrias de anos. (Lopes, 1969: 296).

Perceber esse génio anónimo que se descobre na literatura, mas sobretudo na atenção ao discurso real, oral, quotidiano, informal, que usamos nas nossas trocas diárias mais banais, as “frases de cunho vivo”, “a saborosa oralidade portuguesa” (1990: 208), “a gramática da nossa fala corrente” (1984: 53), dar atenção a “um discurso não académico, se por académico entendermos a exposição com sujeito, predicado e circunstâncias bem reconhecidas”. (1994: 214), estudar as “[...] frases de cunho vivo, arrancadas aos contextos que as tornam exemplares e que, mesmo à leitura muda, nos impõem a percepção de uma rica animação melódica” (Lopes, 1990: 291), que são “excelentes criações da

¹⁷ O negrito é meu.

¹⁸ Esta conferência teve lugar a 30 de novembro de 2024, a convite da Cátedra Aquilino Ribeiro.

fala oral nos registos mais espontâneos”, é o que mais gosto de fazer em Linguística.

Termino. Parte da minha investigação foi sobre relato de discurso. Falamos com as palavras dos outros que trazemos para os nossos próprios enunciados. Comecei, no título desta Lição, por pedir emprestada uma parte de um título de um artigo de Óscar Lopes. Depois de tanto ter trabalhado com formas veladas ou explícitas de citação, acabo esta lição com uma, de Sophia, que me consola: “Outros amarão as coisas que eu amei”¹⁹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andresen, S. de M. B. (2013). *Dia do Mar*. Lisboa: Assírio & Alvim (1.ª ed. 1947).
- Benveniste, E. (1966). De la subjectivité dans le langage. *Problèmes de linguistique générale*, 1. (pp. 258-266). Paris: Gallimard [1.ª ed. 1958].
- Briz, A., Pons, S. e J. Portolés (coords.) (2008): *Diccionario de partículas discursivas del español*. www.dpde.es.
- Chafe, W. & Tannen, D. (1987). The Relation Between Written and Spoken Language. *Annual Review of Anthropology*, 16, 383-407.
<https://doi.org/10.1146/annurev.an.16.100187.002123>
- Cuenca, M. J. (2013). The fuzzy boundaries between discourse marking and modal marking. Degand, L., Cornillie, B., Pietrandrea, P. (eds.), *Discourse Markers and Modal Particles. Categorization and description*. (pp. 181-216). Amsterdam: John Benjamins.
- Duarte, I. M. (2024). O futuro perfeito em Português Europeu contemporâneo: Alteração semântica. *Caplletra* 76 (Primavera, 2024) 247-276. DOI: 10.7203/Caplletra.76.28216
- Duarte, I. M. (2023). Marcadores discursivos y argumentación en debates electorales. Catalina Fuentes Rodríguez & Ester Brenes Peña (eds.), *Macrosintaxis y Pragmática del Discurso Persuasivo*. (pp. 23-48). Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S.A. (EUNSA).
- Duarte, I. M. (2022a). (Encore) Le futuro perfeito en portugais européen sur Internet: modalité, évidentialité, temporalité, aspectualité. In Anca-Marina Velicu & Estelle Moline (eds.), *mETA: modality, evidentiality, temporality, aspectuality and other linguistic delicacies Tributes to Eta Hrubaru* (pp. 133-148). București: Pro Universitaria.
- Duarte, I. M. (2022b). Português Língua pluricêntrica. Variação e Ensino: diferentes variedades, diferentes públicos. In Cornelia Döll, Christine Hundt, Daniel Reimann (eds.), *Pluricentrismo e heterogeneidade - O Ensino do Português como Língua de Herança, Língua de Contato e Língua Estrangeira*. (pp. 349-362). Tübingen: Narr Francke Attemptt.
- Duarte, I. M. (2021). Ainda os marcadores apresentativos em Português Europeu: *imagina, repara e olha*. Sánchez Rei, Xosé Manuel (ed.). *Estudos sobre*

¹⁹ Poema “Quando”, em *Dia do mar* (1947).

gramática e sociolinguística galego-portuguesas. A Coruña: Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña, 49-65.

Duarte, I. M. (2020a). Fumetti e caricatura nella rivista *Miau!* - Contributo dell'umorismo alla costruzione dell'opinione pubblica portoghese sulla Grande Guerra. In Floriana Di Gesù (ed.), *La Grande Guerra nella stampa mondiale*. (pp. 33-49). Palermo: Palermo University Press.

Duarte, I. M. (2020b). A crise dos refugiados: sequências narrativas e emoção em crónicas/reportagens ou a narrativa ao serviço da persuasão. *Comunicação e Sociedade*, vol. 38, 107-122.

Duarte, I.M. (2018a). A ausência de uma gramática de usos em português europeu: subsídios para a sua construção. M. H. M. Neves & D. L. P. Barros (eds.), *A gramática e seu interfaceamento com os campos de atuação na comunidade* (pp. 169-185). São Paulo: Cultura Acadêmica.

Duarte, I. M. (2018b). Vantagens de uma gramática de usos para o Português Europeu: alguns exemplos de análise de expressões extraídas de usos orais informais. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 4, 1-17. Doi: 10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a32

Duarte, I. M. (2018c). Construção do discurso de autoridade em revistas do Estado Novo. In C. Papahagi & V. Manole (Coords.), *Romania contexta II: Autorité/autorialité en discours = Autorità/autorialità nel discorso = Autoridad/autorialidad en el discurso = Autoridade/autoria no discurso* (pp. 177-186). Cluj-Napoca: Academia Română. Centrul de Studii Transilvane.

Duarte, I. M. (2018d). Marqueurs présentatifs dans des interactions informelles en Portugais Européen. *Studia Universitatis Babes-Bolyai Philologia*, 63(2), 269-284.

Duarte, I. M. (2018e). Atenção à língua falada, na obra de Óscar Lopes: «aquela alegria para sempre». In Oliveira, F. et al. (eds), *Para Óscar Lopes: estudos de linguística*. (pp. 145-165). Porto: Edições Afrontamento.

Duarte, I. M. (2010). La dimension modale de *cá* et *lá* en portugais. In *Studii i Cercetri Lingvistice*, vol. LX, București: Editura Academia Română, 179-195.

Duarte, I. M. (2011). Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga* 18 (28). 84-101.

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/26077>

Duarte, I. M. (1999). *O Relato de Discurso na Ficção Narrativa - Contributos Para a Análise da Construção Polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Linguística. <https://hdl.handle.net/10216/13686>. Publicada de novo, em 2003, pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, I. M. (1997). (Ainda) em torno do discurso indirecto livre. In A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. Lima, & R. M. Martelo (eds.), *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes* (pp. 593-600). Porto: Campo das Letras.

Duarte, I.M. (1989). *Alguns operadores de agulhagem comunicativa* (na prosa narrativa de Eça de Queirós e José Cardoso Pires). Faculdade de Letras da Universidade do Porto (tese de Mestrado) <https://hdl.handle.net/10216/56179>

Duarte, I.M. & Carvalho, A. (2017). Conversa informal e linguagem vaga – um bocado e um bocadinho: contributos para o ensino do Português Língua Estrangeira. *Portuguese Language Journal*, 11, 146-164.

Duarte, I.M. & Marques, M.A. (2024). O léxico na construção da imagem feminina em discursos políticos parlamentares. *Revista Galega de Filoloxía* 25, 94-110.

Duarte, I. M. & Marques, M. A. (2023a). Referring to discourse participants in European Portuguese: The form of address *o senhor*. In Pekka Posio & Peter Herbeck (eds.), *Referring to discourse participants in Ibero-Romance languages*, (pp. 273–306). Berlin: Language Science Press. DOI: 10.5281/zenodo.8124504

Duarte, I. M. & Marques, M. A. (2023b). Vós and other pronominal forms of address (tu, você, vocês): Speakers perceptions of Brazilian and European Portuguese. In Baumgarten, N. & Vismans, R. (eds.), *It's different with you: contrastive perspectives on address research* (pp. 272–293). Amsterdam: John Benjamins.

Duarte, I. M. & Marques, M.A. (2022). Imágenes femeninas en los debates parlamentarios en tiempos de pandemia. In Catalina Fuentes Rodríguez & Ester Brenes Peña (eds.), *Comunicación estratégica para el ejercicio del liderazgo femenino*. (pp. 122-134). London: Routledge.

Duarte, I. M. & Marques, M. A. (2018). Funções discursivas das construções com a partícula lá. In J. Veloso, J. Guimarães, P. Silvano, R. Sousa-Silva (eds.), *A Linguística em Diálogo. Volume Comemorativo dos 40 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (pp. 195-211). Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.

Duarte, I. M. & Marques, M. A. (2015). Cá e Lá: Atenuação, Reforço e outros Valores Modais em PE. *Acta Semiotica et Lingvistica*, v.20, n.º 2, 115-128.

Duarte, I.M. & Marques, M.A., Pinto, A., Pinho C. (2019). A construção da identidade da Mulher em revistas do Estado Novo. *ex-aequo*, vol. 39, 71-88.

Duarte, I.M., Marques, M.A., Pinto, A & Salgado, S. (2019). Estratégias discursivas do discurso político populista em Portugal: Estado Novo e movimentos nacionalistas atuais. In M. A. Marques & S. G. Sousa (Eds.), *Linguagens de Poder* (pp. 37-55). Vila Nova de Famalicão: Húmus & Universidade do Minho.

Duarte, I.M., Marques, M.A., Ramos, R. (2018). Discurso científico e ideologia na revista do Estado Novo, *Portugal Colonial*. In F. Di Gesù, M. A. G. Pinto & A. Polizzi (eds.), *Media, power and identity: discursive strategies in ideologically-oriented discourses* (pp. 17-34). Palermo: Palermo University Press.

Duarte, I.M. & Marques, M.A., Pinto, A. (2017). O discurso publicitário ao serviço da construção da identidade no Estado Novo: o caso de *Mundo Gráfico*. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, 6, 97-117.

Duarte, I.M., Marques, M.A., Pinto, A. (2016). La seconda guerra mondiale e la costruzione dell'identità portoghese nelle riviste dell'Estado Novo. In C. Prestigiacomo, C. (Org.), *Identità, totalitarismi e stampa. Ricodifica linguisticoculturale dei media di regime* (pp. 83-100). Palermo: Palermo University Press.

Duarte, I.M., Pinto, A. & Rodrigues, S. (2023). In Silva, P., Pinto, A. & Marques, C. (eds.). Algumas reflexões em torno de processos de revisão e de reescrita em textos académicos. *Discurso Académico: Conhecimento disciplinar e apropriação didática*. (pp. 149-166). Coimbra: Grácio Editor.

Duarte, I.M., Pinto, A. & Rodrigues, S. (2022). Contraste, concessão e contra-argumentação em textos académicos - uma análise exploratória. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. N.º Especial, Vol. 2, 149-176.

Duarte, I.M., Pinto, A. & Rodrigues, S. (2020). A escrita da Introdução do Relatório por estudantes de Mestrados em Ensino: um estudo de homenagem a Graça Pinto. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. N.º Especial. 263-285.

Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2023). (eds.). Número temático: (Ainda) Sobre os Marcadores Discursivos: perspetivas contrastivas com o português. *Studia Ubb Philologia* 68 (4).

Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2020a). (eds.). *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva*. Bern: Peter Lang.

Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2020b). Marcadores discursivos com ora e as suas correspondências em espanhol. In I. M. Duarte & R. Ponce de León (eds.), *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva* (pp. 257-292). Bern: Peter Lang.

Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2018). Todavía / todavía: análisis contrastivo de los valores y de contextos de traducción en español y en portugués. In E. Hernández Socas, J. J. Batista Rodríguez, & C. Sinner (eds.), *Clases y categorías lingüísticas en contraste: español y otras lenguas* (pp. 37-52). Bern, Frankfurt, Berlin: Peter Lang.

Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2017). Valeurs de Ainda [Encore] en Portugais et leurs équivalents en Espagnol. *Studia Ubb Philologia*, LXII (4), 63-76. DOI:10.24193/subbphilol.2017.4.05

Duarte, I. M. & Ponce de León, R. (2015). Los marcadores assim mesmo (mesmo assim) / asimismo en portugués y en español. In S. Azzopardi, & S. Sarrazin (Dirs.), *Langage et dynamiques du sens: études de linguistique ibéro-romance* (pp. 125-141). Bern: Peter Lang.

Duarte, I. M., & Rodrigues, S. V. (2016). Análise pragmática do comentário crítico em relatórios de observação de aulas: contributo para uma reflexão sobre a profissionalidade docente. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, (5), 70-92. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/2975>

Duarte, I. M., & Rodrigues, S. V. (2014). Modalisation et distance énonciative dans des rapports d'évaluation d'activités de formation de professeurs. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, (3), 11-30. Obtido de <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/3573>

Faria, M. (2025). *Sobre vós em português europeu contemporâneo - um retrato baseado em produções e juízos da comunidade estudantil*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento em Ciências da Linguagem. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/165410/2/710522.pdf>

Favaro, M. (2024). The interplay between illocutionary force and information management: On the discourse-pragmatic functions of Italian un po' 'a bit' and European Portuguese lá 'there'. *Journal of Portuguese Linguistics*, 23, 1-32. DOI: <https://doi.org/10.16995/jpl.15408>

Fedriani, C. & Molinelli, P. (2024). "2 Discourse markers vs other types of pragmatic markers". *Manual of Discourse Markers in Romance*, edited by Maj-Britt Mosegaard Hansen and Jacqueline Visconti. (pp. 29-62.) Berlin, Boston: De Gruyter, <https://doi.org/10.1515/9783110711202-002>

Fonseca, F. I. (2002). Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura. *Actas do V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura*. (pp. 37-45). Coimbra: Almedina. <https://hdl.handle.net/10216/19944>

Fonseca, F. I. (2001). Linguística aplicada ou linguística aplicável. In Fonseca, F.I., Duarte, I.M. & Figueiredo, O. (orgs.). *A Linguística na formação do professor de português*. (pp. 15-26) Porto: Faculdade de Letras.

Fonseca, J. (1994). *Pragmática linguística: Introdução, teoria e descrição do português*. Porto: Porto Editora. <https://hdl.handle.net/10216/19690>

Fuentes Rodríguez, C. (2003). Operador/ conector, un criterio para la sintaxis discursiva. *Rilce* 19 (1): 61-85.

Fuentes Rodríguez, C. (2009). *Diccionario de Conectores y Operadores del Español*. Madrid: Arco Libros.

Giomi, R. (2017). Sémantique et pragmatique du ‘futur simple’ en portugais et en italien. In L. Baranzini (ed.). *Le futur dans les langues romanes*. (pp. 263-304). Berna: Peter Lang.

Holgado Lage, A. (2017). *Diccionario de Marcadores Discursivos para estudiantes de español como segunda lengua*. New York, Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, Oxford, Wien: Peter Lang.

Jorge, L. (2002). *O vento assobiando nas gruas*. Lisboa: Dom Quixote.

Kato, M., Martins, A.M. & Nunes, J. (2023). *Português brasileiro e português europeu. Sintaxe comparada*. São Paulo: Confluência.

Lejeune, P. & Mendes, A. (2025). A study on the french functional equivalents of some modal and metadiscursive uses of the european portuguese marker lá. In Cecilia-Mihaela Popescu & Oana-Adriana Du (eds). *Discourse Markers in Romance Languages. Crosslinguistic Approaches in Romance and Beyond*. (pp. 61-81). Berlin, Bruxelles, Chennai, Lausanne, New York, Oxford: Peter Lang.

Linell, P. (2005). *The Written Language Bias in Linguistics. Its Nature, Origins and Transformations*. London: Routledge.

Lopes, A. C. M. (2020). Repensar os Marcadores Discursivos: um estudo de caso. In Duarte, I.M. & Ponce de León, R. (eds.), *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva*. (pp. 121-135). Bern: Peter Lang.

Lopes, Ó. (1969). *Modo de ler*. Porto: Inova.

Lopes, Ó. (1984). *Álbum de Família: Ensaio sobre Autores Portugueses do Século XIX*. Lisboa: Caminho.

Lopes, Ó. (1986). *Os Sinais e os Sentidos: Literatura Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Caminho.

Lopes, Ó. (1990). Um passeio de linguística por dentro de um poema de Eugénio de Andrade. In *Cifras do Tempo*. (pp. 249-255). Lisboa: Caminho.

Lopes, Ó. (1994). *A Busca de Sentido: Questões de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Lopes, Ó. (1999). *5 Motivos de Meditação*. Porto: Campo das Letras.

Marques, M. A. & Duarte, I. M. (2024a). Formas de tratamento e papéis sociodiscursivos em debates políticos televisivos em Portugal: 1975-2022. *LaborHistórico* v.10, n.2, e63403, 1-24. Doi:10.24206/lh.v10i2.63403

Marques, M. A. & Duarte, I.M. (2024b). Formas de tratamento nos debates parlamentares portugueses – modos e sentidos da mudança. Apresentação oral ao 40.º Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 23-25 de outubro de 2024, Universidade dos Açores (Ponta Delgada). Aceite para publicação em *Études Romanes de Brno*.

Marques, M. A. & Duarte, I. M. (2019). Lá em sequências narrativas orais. In M. A. Marques & X. Rei (eds.). *Estudos Atuais de Linguística Galego-Portuguesa*. Santiago de Compostela: Laivento, 211-238. Aceite para publicação na revista *Étude Romanes de Brno*.

Marques, M. A. & Duarte, I. M. (2017). Lá, atenuador em interações informais do português europeu. *Studia Ubb Philologia*, LXII, 4: 17-34.

Marques, M.A., Ramos, R., Duarte, I.M., Seara, I.R., Pinto, A. G., Pinto, R. (2024). *Vozes que moldam Abril: Os discursos presidenciais na celebração da Revolução*. Braga: Universidade do Minho. DOI: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.153>

Martín Zorraquino, M. A. & Portóles Lázaro, J. (1999): Los marcadores del discurso. In I. Bosque y V. Demonte, dirs., *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa, t. 3, cap. 63, 4051-4213.

Meira, C. (2025). “*Chicana Política*” - Análise pragmática-discursiva de uma Moção de Censura. PROJETOS DE PESQUISA EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM | N.º 2 | pp. 7-26.

Mithun, M. (1988). The grammaticization of coordination. In J. Haiman & S. Thompson (Eds.), *Clause combining in grammar and discourse* (pp. 331–360). Amsterdam: Benjamins.

Müller, L. (2024). European Portuguese lá: Use-Conditional Meaning and Pragmaticalization. *Languages* 9: 189. <https://doi.org/10.3390/languages9060189>

Neves, M.H.M. (2023). Português do Brasil e Português de Portugal: os fatos e as análises. (pp.137-153). In Bastos, N. & Casagrande, N. (eds.), *Língua portuguesa e lusofonia em contextos de transformação*. (pp.137-153). São Paulo: EDUC. IP-PUC-SP

Neves, M.H.M. (2011). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP

Pinto, A. & Duarte, I. M. (2015). La construction de l’ethos scientifique: stratégies d’effacement et d’inscription de soi dans des dissertations académiques, *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, 4, 95-115. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13902.pdf>

Ponce de León, R. & Duarte, I.M. (2023). El operador discursivo *eso sí* en español y sus correspondencias en português. *Studia Ubb Philologia* 68 (4), 165-180.

Ponce de León, R. & Duarte, I.M. (2021). Os operadores discursivos *ahora bien / ahora, (que)* e as suas correspondências em traduções literárias para português. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. N.º especial. 535-553.

Ponce de León, R. & Duarte, I.M. (2020). En torno a los valores de la forma portuguesa *já* y sus correspondencias en español. In O. L. Lamas, M. Rudka, & G. Parodi (eds.), *Marcadores del discurso y lingüística contrastiva en las lenguas románicas* (pp. 147-161). Madrid: Iberoamericana / Vervuert.

Ponce de León, R. & Duarte, I.M. (2019). Pois e pues como partículas discursivas: determinação de usos em português e em espanhol. In A. P. Loureiro, C. Carapinha, & C. Plag (Orgs.), *Marcadores discursivos e(m) Tradução 2* (pp. 41-72). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ponce de León, R. & Duarte, I.M. (2013). *Aliás*: diferencias de empleo en portugués y en español. In N. Delbecque, M.-F. Delpont, & D. Michaud Matu-rana (eds.), *Du signifiant minimal aux textes. Études de linguistique ibéro-romane* (pp. 137-152). Limoges: Éditions Lambert-Lucas.

Ribeiro, A. (2016). *Cinco Reis de Gente*. Bertrand Editora [1948].

Rio-Torto, G. (ed.). (2022). *Português brasileiro e português europeu: um diálogo de séculos*. Macau: Universidade Politécnica de Macau.

Rodrigues Lapa, M. (1984). *Estilística da língua portuguesa* (6.ª ed.). Coimbra Editora. [1970, 1.ª ed.]

Rodrigues, S. & Duarte, I.M. (2022). Avaliação do conhecimento explícito da língua: verbos de comando de provas do Ensino Básico / Pruebas de educación básica para evaluar el conocimiento explícito de la lengua: análisis compositivo y curricular. *TEJUELO. Didáctica de la Lengua y la Literatura. Educación*, 35(2), 137-172. <https://doi.org/10.17398/1988-8430.35.2.137>

Sande, V. M. (2024). *Produção do livro escolar de/em línguas africanas em contextos pós-coloniais: o caso de Emakhuwa e Elomwe em Moçambique*. Porto: Faculdade de Letras. Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem.

<https://hdl.handle.net/10216/158251>

Santos Río, L. (2003). *Diccionario de partículas*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones.

Silva Dias, E. (1933). *Syntaxe Historica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. [1918, 1.ª ed.]

Silva, M. F. & Duarte, I. M. (2021). Revisitação do discurso relatado no ensino-aprendizagem do PLE: proposta de uma abordagem de base comunicativa. In A. Ciama & A. Teletin (eds.), *Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa. 40 anos de Estudos Lusófonos na Roménia: perspetivas e desafios* (pp. 502-517). Editura Universitatii din Bucuresti = Bucharest University Press.

Squartini, M. (2004). La relazione semantica tra Futuro e Condizionale nelle lingue romanze. *Revue romane*, 39, 68-96.

TEXTOS DA IMPRENSA

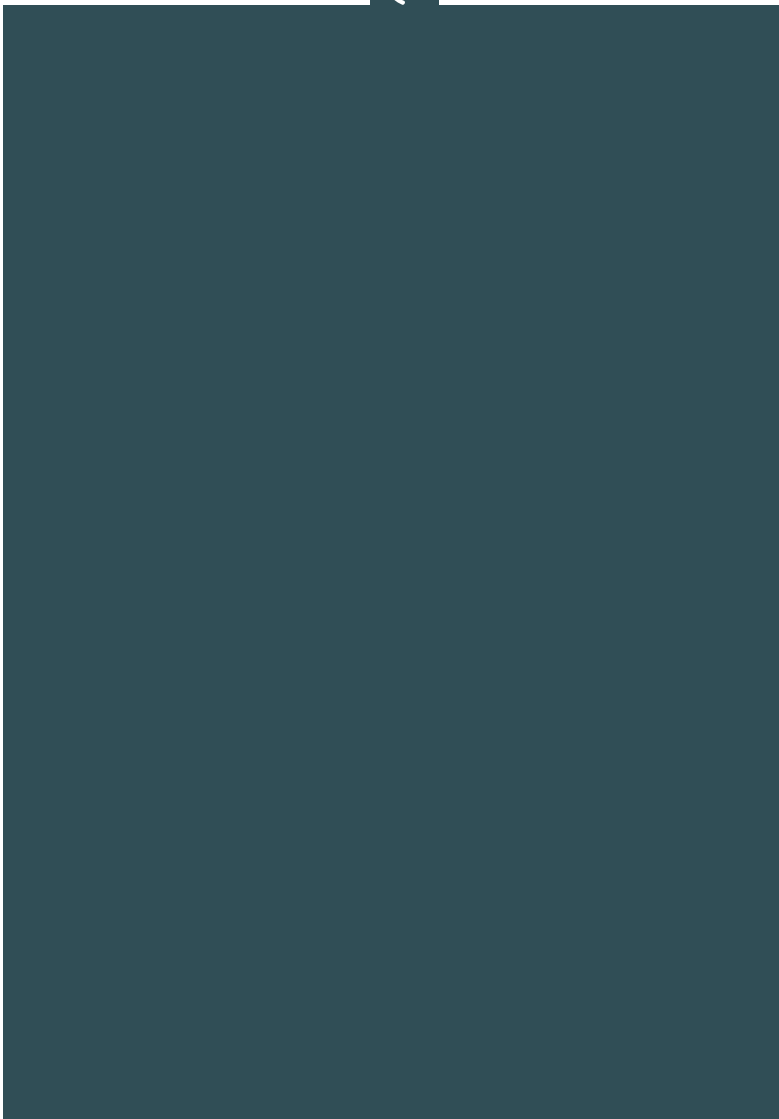
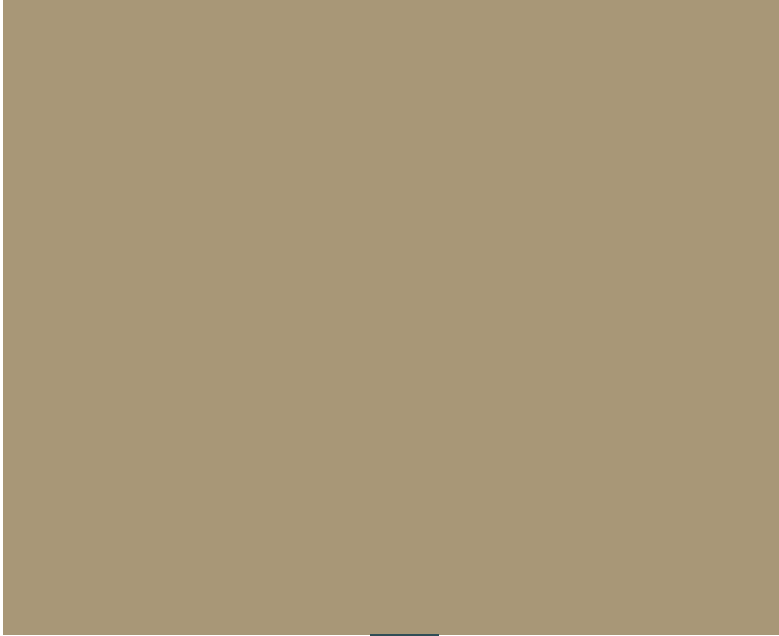
Agualusa, J.E. Por uma irmandade da língua portuguesa. *Expresso* (2019-06-10). <https://expresso.pt/opinioao/2019-06-10-Por-uma-irmandade-da-lingua>

Chiziane P. (entrevista a Paulina Chiziane): “No momento da guerra entre o preto e o branco, onde é que fica o mulato?” *Público* (27/05/2022)

<https://www.publico.pt/2022/05/27/culturaipsilon/entrevista/paulina-chiziane-momento-guerra-preto-branco-onde-fica-mulato-2007516>

Correia, M. ‘A língua dos mapas ao contrário O romance Jangada de Pedra e o Dia Mundial da Língua Portuguesa’ in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/a-lingua-dos-mapas-ao-contrario/4875> [consultado em 10-08-2025] *Diário de Notícias* (02/05/2022).

Pereira, R.A. “Tipo, imagina” *Expresso* (15/09/2023) <https://expresso.pt/opinioao/2023-09-15-Tipo-imagina-e5d6c32b>





ISBN 978-989-9193-72-7



9 789899 193727